

TALK SHOW DAS KÁTIAS: ENTREVISTA COMO EXERCÍCIO DE ESCUTA E EMPONDERAMENTO DA PLURALIDADE

Autor: Vicente de Paula Nascimento Leite Filho¹; Co-autor: Sarah Fontenele Santos²;

Universidade Federal do Piauí

Resumo

Visibilidade de sujeitos por meio de suas histórias e identidades de resistência é o que oportuniza o talk show das Kátias Coletivas que através de entrevistas públicas e performáticas tem proporcionado momentos marcantes à comunidade LGBTQIA local de Teresina-PI e discutido questões de gênero e sexualidade de forma ampla e direta com a comunidade. As pessoas transexuais, deficientes físicos, auditivos e visuais tem ganhado especial atenção das Kátias Coletivas que através da escuta tem socializado problemáticas e estratégias de enfrentamento. Neste artigo descrevemos a prática e analisamos os contextos artísticos, culturais e comunicacionais deste tipo de militância que tem empoderado populações vulneráveis a partir de uma perspectiva sensível.

Palavras-chave: comunicação, Kátias, LGBTQIA, performance, empoderamento.

As discussões sobre identidade e performatividade de gênero ganharam evidência especial no Piauí, sobretudo em Teresina no ano 2015: ocorreu o I Encontro de Afeminado e das Caminhoneiras (23/05/2017), o Dia de Degenerar na Universidade Federal do Piauí (24/06/2017), surgiu uma festa específica para drags na cidade – a Sintética - e no final do ano a I Gaymada em Teresina. Uma série de movimentos e manifestações LGBTQIA explodiram na cena local. Dando conta de todo este contexto surgem as Kátias Coletivas e seu famoso talk show num gesto de apreender e aprender sobre este movimento.

Criada em setembro de 2015, Kátias Coletivas articulam suas ações através das entrevistas que ficaram conhecidas como "Talk shows" devido ao formato irreverente dos debates, sempre com personagens e personalidades locais montadas ou desmontadas provocando reflexões, diálogos, percepções e empoderamento aos indivíduos nas questões sociais, políticas, de gênero e sexualidade no âmbito das universidades e da sociedade em geral.

Ao criar ações de comunicação com o público que escapa do comportamento padrão e escancara questões de gênero, as Kátias Coletivas abrem brechas para outras performatividades, para visualização de outros corpos e outras realidades que sempre foram massacradas e escondidas. Elas fissuram canais de escuta para sujeitos invisibilizados midiaticamente e conseqüentemente socialmente de modo ampliar possibilidades de existência destas pessoas através da circulação das suas histórias que dificilmente aparecem na mídia tradicional.

Por isto, este artigo se dedica a analisar a performatividade comunicativa no Talk Show das Kátias Coletivas. Tem-se por objetivos específicos destacar a presença da performance nas performatividades de gênero trazidas nos Talk Shows das Kátias Coletivas de modo a verificar uma cidadania comunicativa que põe em movimento os sujeitos contra o gênero colonizado.

¹ Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e cursando pós-graduação em Direitos Humanos na Faculdade Ademar Rosado (FAR)

² Graduada em Comunicação Social com habilitações em Jornalismo e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Esta estratégia de ação das Kátias merece atenção por explicitar a pluralidade de existir destes corpos abjetos nas suas mais inimagináveis práticas e performatividades, criando rupturas de gênero – categoria de análise – e do gênero jornalístico e artístico na medida que a forma que estes gêneros e não gêneros são apresentados/compartilhados. Como processo metodológico, utilizamos a sistematização de experiência proposta por Oscar Jara (2001). Trata-se de partir da própria prática dos sujeitos envolvidos em uma dada realidade. Nesta visão não há separação entre sujeito e objeto e visa recupera, ordenar, precisar e classificar a experiência vivida.

A partir das biografias de resistência dos entrevistados, as Kátias elaboram um programa no formato televisivo que não é veiculado para nenhum canal de televisão – nem mesmo na internet. Articula-se uma cena que transita entre performance, teatro e jornalismo conduzida pela entrevistadora Lygia Rissope, que estimula abordagem de temas polêmicos, sensíveis, trágicos, bem humorados e imprevisíveis que deixam o público atravessado por um carrossel de emoções, pelas entrevistas e performances, instalações, intervenções artísticas, poesias, músicas e diversas manifestações que arrebatam a todos.

É bastante semelhante com os talk shows televisivos em que jornalismo e entretenimento resultam em entrevistas descontraídas que criam uma ambiência de intimidade com os entrevistados cativam uma audiência. Intuitivamente Lígia Rissope, estudante do Curso de Designer de Moda (UFPI) apropria-se e subverte a linguagem televisiva na sua performatividade transexual aliada a sua performance de showwoman.

Os clichês da TV são ressignificados pelo deboche e traquejo da apresentadora que articula um dialeto sofisticado, mas também regional e que provoca, afaga, ri, canta, quase chora e se lança num aboio refinado. Trata-se de uma encenação dinâmica e inusitada que confronta a monotonia estática do discurso jornalístico televisivo e sua letargia de identidades, reforçando padrões de gênero já na performatividade dos âncoras e de todos os corpos que apresentam o jornal.

Acompanhar notícias tem se tornado uma verdadeira tortura desde a forma até o conteúdo. Sobretudo, no rádio em que a voz deve ser firme, grave e empostada e na televisão que além da performance da voz, há a da imagem do corpo que tem que seguir um modelo rígido de "portadores da verdade" que em essência pouco tem de verdadeiro e muito de castrador.

A televisão exclui, tanto que não se vê por exemplo, pessoas transexuais nas bancadas dos telejornais e raramente são conclamadas ao espaço público televisivo de forma digna. Esta é uma das facetas da nossa *formidável censura* na televisão como aponta Bourdieu (1997). Uma exclusão histórica que anula vários grupos sociais vulnerabilizados, por articular visibilidade apenas com interesse econômico, hipervalorizando as elites historicamente privilegiadas e cerceando espaços para aqueles que questionam a estrutura vigente que a televisão simbólica e explicitamente insiste em reproduzir.

Pensando nessa incongruência, Bourdieu conclama artistas, escritores e cientistas a pensar e a reagir sobre a relevância de convites a um canal de televisão, que reflete arbitrariedades impostas por uma cultura dominante que determina não só o conteúdo daquilo que se publiciza, mas também a forma, a quantidade de tempo e outras variantes.

Para estes pensadores e provadores de conhecimento ele aponta a missão de não apenas rechaçar o jornalismo praticado, mas ocupar este espaço apoiando/estimulando profissionais de comunicação a oportunizar este diálogo crítico (muitas vezes centrado numa intelectualidade acadêmica) com toda a sociedade.

“Não é preciso dizer que não se trata de condenar nem combater jornalistas, que frequentemente sofrem muito das restrições que são obrigados a impor. Trata-se bem ao contrário de associá-los a uma reflexão destinada a buscar meios de superar em comum as ameaças de instrumentalização” (BOURDIEU, 1997, p.17).

Concordamos com Bordieau, não se trata de condenar indivíduos, mas de romper com a lógica do modo de produção dos meios de comunicação, que por sua vez, estão aliados a manutenção do *status quo*.

A *performatividade* de gênero, que de acordo com Butler se constrói a partir da reprodução de normas e rituais consolidados (repassados pela comunicação/linguagem/mídia por exemplo), assim como a cultura, não estão estáticos e latejam por movimento e expansão multável.

“Como efeito de uma *performatividade* sutil e politicamente imposta, o gênero é um ‘ato’, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exhibições hiperbólicas do ‘natural’, que em seu exagero, revelam seu *status* fundamentalmente fantasístico” (BUTLER, pág. 211, 2003).

Nos Talk Shows das Kátias Coletivas podemos dizer que há exercício do fantástico que se mostra como uma arte de construir comunicação a partir das experiências e vivências de cada sujeitx ali expectador e ator, nos fazendo remeter à Cremilda Medina (2003) ao se referir à profissão do repórter como a arte de tecer o presente. As rodas que aglutinam em torno das temáticas invisibilizadas do cotidiano, inclusive, invisibilizada dentre os invisíveis, tais como sujeitxs surdxx, criam plurólogos (MEDINA, *apud* LIMA, 2009, p. 91).

Segundo Medina (*apud* LIMA, 2009, p. 91) a entrevista tem a pontência de ser plurólogo, uma vez que os meios de comunicação tem se firmado desde uma incomunicação, segundo ela, batalhões de propagandistas. Para a autora, existem duas tendências de entrevista, as de espetacularização e as de compreensão. Entre as primeiras, se encontram o pitoresco, o inusitado, condenação e a ironia. Já no segundo caso, é possível existir a enquete, investigativa, a confrontação/polemização e o perfil humanizado.

Longe de procurar gerar um ambiente vertical entre entrevistador e entrevistado, a entrevista enquanto plurólogo provoca um ambiente de simpatia para uma potência de compartilhamento de saberes da existência humana. Além disso, a entrevista no intuito de provocar rupturas no modelo de sociedade excludente, como fazem os Talk Shows das Kátias, tem, sobretudo, a missão de tocar em feridas que precisam ser ditas, portando, podemos afirmar que a entrevista é aquela brecha onde se encontra a possibilidade dos sujeitvxs insurgentes dizerem a sua palavra.

As rodas de conversa e entrevista das Kátias podem provocar com força a poesia, o grito, o canto ou corpos que falam entre danças e performances. Tal qual afirma Lima (2009), a entrevista desponta “como uma expressão de si, dotada de individualidade, força, tensão drama, esclarecimento, emoção razão e beleza. Nasce daí o diálogo possível (...)” (LIMA, 2009, p. 107).

Rompe-se assim, o monopólio da fala erigido como a única forma de comunicação padrão a ser adotada por todos os comunicólogos e colocando os mesmos como os únicos donos da palavra e verdade (sob o mito da imparcialidade e objetividade jornalística). Quebrando com o monopólio da fala, expressão utilizada por Muniz Sodré (1984) para caracterizar a Televisão, o Talk Show das Kátias Coletivas, fazem uso de um instrumento hegemônico do norte do mundo (portanto, eurocêntrico/Norte Americano) ao tempo que ironiza a possibilidade de sua desconstrução. Programas brasileiros como o Jô Soares, Conversa com Bial, Encontro com Fátima Bernardes, que fazem uso desta imitação do jornalismo Norte Americano, meio do formato Talk Show, são exemplos da hegemonia do Norte do mundo sobre as construções epistêmicos do jornalismo do Sul do mundo.

Outro ponto de abordagem interessante é a construção de uma comunicação que insurge na contra colonização (BISPO, 2015) de um mundo eurocêntrico, de homens, brancos, heterossexuais e adultos. A modernidade colonizadora trouxe também formas de comunicar e relacionar que são

quebradas nas ações das Kátias Coletivas. Sobre a forma como as comunicações se desenvolvem, a partir dos interesses do norte colonizador, buscamos em Mattelart (1994) as estratégias de impor uma comunicação que sirva a fins militares e desenvolvimentista, embora sob a alcunha de educação. As compreensões sobre as epistemologias do Sul do grupo que estuda colonialidade e modernidade também são caras para entender o processo histórico a que nos submetemos em todas as áreas da vida, atingindo, portanto, a comunicação (BALLESTRIN, 2013; QUIJANO, 2005; BISPO, 2015).

Neste percurso, quebrar o monopólio da fala significa também quebrar as rígidas estruturas do atual discurso de gênero, tendo em vista que na medida em que os sujeitos ganham visibilidade com vez, voz e poder sobre suas identidades de gênero na sociedade, evoluímos para compreensão em que “os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem outros corpos falantes” (PRECIADO, 2014, p.21)

No entanto, o que as Kátias fazem é desconstruir para reconstruir formas próprias de comunicação, sem nenhum pudor em ironizar os instrumentos existentes para fazer insurgir a comunicação dos debaixo, dos invisibilizados e oprimidos. Se no Show/Espétaculo/Sensacional das telas reluzentes os debaixo não aparecem, a praça pública, os auditórios escolares e universitários, as ruas são espaços em que se vai reverberar essa potência, ainda que não seja gravada e veiculada nas casas dos brasileiros pelas fibras ópticas que levam “incomunicação” para a população. Ainda assim, ecoa a comunicação entre seus pares que usam o corpo e fala para quebrar paradigmas.

Aqui tomamos o conceito de cidadania comunicativa a partir dos estudos de Maldonado (2015), onde ele afirma que é preciso aceitar o desafio de construir uma cultura de transformação, situado no exercício do direito básico da emancipação intelectual. “É necessário estruturar um conjunto de redes conceituais, concepções e ideias operativas orientadas a mudar o mundo; nessa estratégia, a construção de uma cidadania comunicativa complexa é crucial” (MALDONADO, 2015, p. 719).

Creemos que as Kátias Coletivas tem abraçado muito fortemente este desafio, uma vez que tem provocado o meio acadêmico a pensar a agir, pois essa coletividade, não tem se limitado a provocar debates e entrevistas performáticas, mas também provoca ações, piquetes e fechar ruas. Um caso interessante a citar foi o fechamento da rotatória da Universidade Federal do Piauí (UFPI) exigindo creches para estudantes e trabalhadoras. Uma vez que o autor nos convida para superar o coronelismo intelectual e produção da pesquisa teórica e empírica para emancipação intelectual, esta coletividade em questão tem agido em torno da cidadania comunicativa e tem se juntado à professoras comprometidas com esse desafio.

Nesta palavra que também é ação e escorre Entre-Vistas, entre-olhares, entre-dores, entre-amores, as rodas performativas desenlaçam vidas pulsantes em plurólogos possíveis ensejando outros mundos contra-colonizados. Os diálogos brincam entre improvisos e ações ensaiadas, antepensados ou pré-elaboradas. Uma hora conversa, outra dança, outra hora pergunta do público, em outro ainda teatraliza. É um vai e vem a partir de um fluxo que se posiciona na construção de saberes circulares.

Este método de articulação dessas ações das Kátias “acaba tocando nos tênues limites que separam a vida e arte” Cohen (2004) e se aproxima também da ideia de performance na arte contemporânea. A organização dos talk shows assemelha-se a ideia de “programa” de performance desenvolvida pela artista Eleonora Fabião.

Tal como afirma Fabião (2008), “o performer não improvisa uma ideia: ele cria um programa e programa-se para realizá-lo (...)” e exige tenacidade para ser levada a cabo. No Talk Show das Kátias Coletivas, há reuniões prévias para discutir temáticas e intervenções, com agendamento de entrevistadas e prévia divulgação das ações/talk shows... que se efetivam conforme uma dinâmica própria que flui a partir do momento e do acontecimento, da presença do público de

entrevistadx que surgem e desaparecem conforme a condução da entrevistadora repórter Lygia Rissopo e por meio das próprias performances já programadas com uma ideia de compartilhamento público já estruturada em encontros anteriores que se concretiza a partir das relações que vão se estabelecendo.

Assim foi a performance “Telúrica: Terra dos Sentidos”, apresentada no Talk Show do dia 19 de abril de 2016 na ocasião em que se refletia as questões indígenas. A proposta do momento foi previamente sentida e compartilhada entre os performers, mas contando com a sensação proposta na aurora do acontecimento. Pontua-se, neste quesito, que além da própria performance que se faz o momento da entrevista, ainda conta-se com performances de militantes da coletiva, bem como de outros artistas.

RESULTADOS

Diante desta discussão da temática, como resultados podemos citar uma tentativa em construção de fazer a entrevista ser o plurólogo proposto por Medina (2003), uma vez que identificamos ainda uma certa dificuldade de se desfazer de alguns vícios comunicativos monológicos na construção dos espaços das Kátias Coletivas. No entanto, assumimos que a performatividade proposta é dinâmica e está em movimento provocando rupturas e construindo saberes contra colonizadores a partir dxs sujeitxs LGBTQ’s. O diálogo possível provoca também sujeitas do movimento feminista abrindo a roda para expor convergências e divergências na busca por uma diversidade que enlace liberdades. Outra coisa comunicação insurgente desponta em uma episteme jornalística/comunicativa que surge, não necessariamente dos profissionais da área, mas partir de uma compreensão que não existem saberes engavetados, mas sim, uma brecha que nos impõe o desafio de confluir saberes no cumprimento da tarefa da construção de outro mundo possível, com sociabilidades diversas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **SOBRE A TELEVISÃO seguido de. A influência do jornalismo e. Os Jogos Olímpicos.** Tradução: Maria Lúcia Machado. Riode Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PRECIADO, Beatriz. . **Manifesto Contrassexual.** São Paulo: N-1 Edições, 2014. (Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro);

BISPO, Antônio dos Santos. **Colonização, quilombo: modos e significações.** Brasília: Unb, 2015.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2004. 2ª edição;

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea.** Sala Preta, São Paulo, Usp, 2008, v 8, pp. 235-246.

JARA, Oscar H. **Como sistematizar?Uma proposta em 5 tempos.** 2º Seminario de Formação de Apoiadores Pedagógicos, MOVA-RS,Porto Alegre, 23 de setembro, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas** – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 2009.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.713-727>

MATTERLART, Armand. **Comunicação-mundo**: história das ideias e das estratégias. trad. Guilherme João de Freitas Teixeira – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente** – Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Coleção Sul Sul, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005.